

Juventude e cultura

Helena Abramo
Socióloga, pesquisadora
de temas relativos à juventude

Reprodução de parte do debate "Juventude e Cultura", realizado pela Comissão da juventude da Câmara Municipal de São Paulo, em 21/06/01. Texto publicado com permissão da autora em [Publicado em http://www.mineiroptnatal.bio.br/frameset.htm](http://www.mineiroptnatal.bio.br/frameset.htm) **Dito e feito n.º 4.**

I

Cultura é um tema pouco prestigiado. Em geral vem por último quando se discute políticas públicas, é comum ser o último item numa escala de prioridades. Basta ver que o orçamento destinado à Secretaria de Cultura é o menor dentre as pastas do executivo municipal.

A única das dimensões da cultura que tem um status maior é a escolar, a referida à educação que é, ao menos no discurso, compreendida como necessidade de primeira grandeza (embora nunca seja satisfatoriamente atendida). Mas as outras dimensões da cultura, principalmente aquelas que estão mais vinculadas ao prazer estético e à diversão, são muitas vezes desprezadas como supérfluas e desprovidas de importância.

No entanto, o tema da cultura está entre os que mais interessam aos jovens. Na pesquisa da Fundação Perseu Abramo, já apresentada na Comissão, vê-se que os temas que mais **preocupam** os jovens são "violência" e "emprego"; mas quando se trata dos temas que mais **interessam**, cultura e lazer aparecem com destaque, logo depois de "trabalho" e "educação". A importância deste tema para os jovens também pode ser percebida na medida em que aparece como item central na própria definição de juventude: nesta pesquisa há uma questão (aberta) referente a "o que é ser jovem", e as respostas que dizem respeito a "aproveitar/curtir a vida" (que reúnem todas as atividades culturais ligadas à diversão, como ouvir música, ir ao cinema, dançar etc.) foram as que mais fortemente marcaram essa definição.

Essa conexão entre cultura e diversão, fortíssima na prática dos jovens, reforça uma percepção social que situa esse tema como algo frívolo, superficial, e portanto secundário na atribuição de importância para a qualidade de vida; quando não pernicioso, por significar desvio de investimento de questões consideradas mais urgentes e necessárias. Muitas vezes assim também se reforça uma percepção negativa a respeito dos jovens: ao demonstrar um interesse maior pela cultura e entretenimento do que por outros assuntos, tais como economia ou política, os jovens são vistos como des preocupados, alienados, hedonistas descompromissados com as questões "realmente sérias".

Contudo, o campo de experiências que se constrói através do cruzamento dos eixos do lazer e da cultura é de fato um dos mais importantes para os jovens porque nele são construídos

espaços fundamentais de sociabilidade, de elaboração de identidades individuais e coletivas, nele são processados elementos centrais para a construção de referências e para a formulação e eleição de valores e posturas de vida, processos centrais dessa fase de vida. É nesse universo que os jovens trocam suas descobertas e preocupações com os amigos, e vivem experiências mais livres do que aquelas permitidas nos espaços familiar e escolar. É usual que seja principalmente através dos gostos e escolhas musicais, artísticas, esportivas, que os jovens vão elegendo um "estilo" para si, um modo de ver o mundo e se posicionar nele, e de expressar esse seu posicionamento.

Por isso, ao invés de ser um campo propício à alienação, tem se mostrado mais como de motivação, criação e mobilização. É o que tem propiciado o aparecimento do maior número de ações coletivas entre os jovens, e também de articulação, com a formação de grupos, associações, "tribos", movimentos, tais como o hip hop, o punk, os skatistas, os grupos de dança, de grafite, de capoeira etc..

E de certo modo é também o tema que tem motivado os jovens a participar de certos espaços de debate público e de alguns canais de participação política. Boa parte das demandas formuladas publicamente por jovens se referem a esses temas. Por exemplo, em vários dos processos de Orçamento Participativo a participação dos jovens se faz principalmente em torno de reivindicação de equipamentos de cultura e lazer, como centros culturais, pistas de skate etc. Um dos primeiros casos foi o de Diadema, em que jovens ligados ao hip hop reivindicaram a instalação de tomadas em praças em que costumam se reunir para que ali pudessem ser usados ao aparelhos de som com que executam e criam sua música e praticam sua dança. Outro exemplo ilustrativo é o da conclusão a que chegaram os jovens envolvidos no Observatório de Direitos Humanos de Capão Redondo (um projeto desenvolvido pelo Instituto Sou da Paz, juntamente com o Núcleo de Estudos da Violência, da USP), que escolheram a cultura como tema em que sentem que seus direitos são violados; e justificam essa escolha dizendo que foi o tema que mais despertou interesse entre os jovens do bairro e aquele em que houve maior número de propostas de solução.

II

A necessidade de cultura e lazer tem se posto como demanda prioritária para os jovens também porque há uma carência imensa de meios para satisfazê-la. Os equipamentos são insuficientes e os que existem apresentam muitas dificuldades de acesso para os jovens, principalmente os que tem baixa renda familiar e moram nas regiões periféricas da cidade.

Como a cultura é pouco reconhecida como direito, não é vista como prioridade na definição das políticas públicas, o que gera uma precariedade imensa de atendimento.

A pesquisa da FPA fornece dados para se ter uma idéia dessa carência. Por exemplo, embora o desejo de fruir atividades culturais seja grande, é pequena a porcentagem de freqüência de jovens aos equipamentos culturais que a cidade possui, principalmente aqueles que remetem à cultura erudita, mas também aqueles que veiculam bens da indústria cultural (como cinema, shows e teatro). Uma das questões da pesquisa indica que 87% dos jovens nunca foram a concertos de música clássica, 54% nunca foram a um museu de arte, 42% nunca foram a uma biblioteca e 46% nunca foram ao teatro. Mesmo no caso

do cinema, a frequência é muito baixa: se cai para 15% o montante de jovens que nunca foi ao cinema, não chega a 25% o número de jovens que foi ao cinema pelo menos uma vez no espaço de um mês, enquanto 30%, embora já tenham ido alguma vez ao cinema, não o fizeram no espaço do último ano. Esse dado é interessante, porque quando se pergunta para o jovem o que ele gostaria de fazer no seu tempo livre, a atividade que concentra mais respostas, isoladamente, é "ir ao cinema" (18%). E quando se pergunta a respeito das "coisas que nunca fez mas gostaria de fazer", 53% das respostas se referem a atividades de cultura e de lazer (muito mais do que, por exemplo, "adquirir bens", com 7% das respostas).

Os próprios jovens apontam, como "razão que os impede de fazer o que gostariam", a "falta de dinheiro" (53% das respostas), a falta de tempo (21%) e a "proibição dos pais" (10%). Ou seja, ressalta aqui a dificuldade de acesso, pelo custo da diversão e da fruição cultural (tanto o preço dos produtos como dos meios para chegar aos equipamentos). Pois outro elemento que dificulta o acesso é a carência de equipamentos e a distribuição desigual pelas regiões da cidade: a concentração nas regiões centrais tanto dos equipamentos públicos como dos privados faz com que regiões inteiras da periferia da cidade não contem com sequer nenhum equipamento cultural. Por exemplo, os mesmos jovens do Observatório de Direitos Humanos de Capão Redondo já citados apontam que não podem cultivar o hábito de usar bibliotecas porque a mais próxima fica em Santo Amaro, a duas horas de ônibus. Portanto, além da construção de equipamentos, uma política pública preocupada com o direito à cultura tem que pensar também na questão do acesso democratizado, o que envolve a distribuição geográfico-social desses equipamentos e a gratuidade ou mecanismos de barateamento dos preços dos bens culturais.

III

Além da dimensão da fruição de cultura, outro aspecto que tem de ser considerado é o da criação cultural que, como vimos, tem se mostrado altamente motivadora e mobilizadora para os jovens: salta aos olhos o número de jovens que se articula em grupos em torno deste tipo de atividades, e a capacidade de realização de eventos, projetos etc. que eles engendram. Os grupos que se formam assim tem aparecido como uma das instâncias mais importantes de formação de identidade e de atuação coletiva, e também como polo de referência para os jovens que não participam diretamente deles.

A pesquisa da FPA mostra que em torno de 25% dos jovens da região metropolitana de São Paulo é membro ou participa de algum grupo deste tipo (em contraste com a participação em grupos de caráter político, bem menor), e mais da metade (54%) conhece pelo menos um grupo cultural de jovens. Por isso, a formulação de políticas culturais para os jovens tem de considerar a importância de dar apoio, meios e estrutura para o desenvolvimento dessas atividades.

Recentemente, tem crescido bastante a proposição de programas, projetos e eventos de caráter cultural e lúdico para jovens (na verdade, mais para crianças e adolescentes que para jovens acima dos 15 anos), principalmente por parte de organizações da sociedade civil, como ONGs, fundações, entidades assistenciais e outras. Esse incremento se deve à

percepção a respeito do interesse dos jovens nessas atividades e da aposta na sua potencialidade criativa e como elemento propulsor do desenvolvimento pessoal e social deles. Tais atividades são propostas principalmente com dois tipos de perspectiva: como instrumento auxiliar na formação educativa; e como instrumento para evitar desvios na formação e desenvolvimento do jovem: para ocupá-lo positivamente e evitar que ele permaneça no ócio e à mercê dos perigos da rua, como a violência e a delinquência.

Estas são preocupações importantes, e a partir delas se montaram boas e avançadas propostas de atendimento a jovens; mas é importante afirmar a perspectiva da cultura como um direito dos jovens, e não somente valorizá-la na medida em que evita que o jovem se torne um problema. O ponto fundamental do exercício cultural não está em que isso possa tirar alguém do ócio, mas sim porque, junto com seu aspecto lúdico (e o direito ao lazer também é muito importante), é meio de enriquecimento, de alargamento de informações, é meio de expressão, de invenção, de intervenção e participação no universo simbólico da sociedade. Por isso a cultura não pode ser reduzida a um aspecto de anteparo para problemas vigentes e potenciais.

As políticas destinadas a cumprir o atendimento das necessidades culturais dos jovens têm de focalizá-los como sujeitos com direito a fruir e produzir cultura; os programas e projetos devem ser pensados a partir dos seus interesses e escolhas quanto ao tipo de prática a ser fomentada. Aqueles que se preocupam com a formulação de políticas para jovens devem, portanto, pensar sobre as melhores maneiras de garantir o acesso aos bens culturais, e de garantir o direito ao exercício (a criação, a veiculação) e à diversidade envolvida nesse exercício. Devem, também, ser capazes de reconhecer e valorizar as demandas e propostas elaboradas pelos jovens nesse campo. Os vereadores, como atores preocupados com a estruturação de um espaço democrático de discussão política, devem considerar que as práticas culturais colocam o jovem no espaço público e portanto através delas eles podem se posicionar como atores e interlocutores dos debates que aí se processam.